

DOI: 10.12957/e-mosaicos.2025.90158

RAÍZPRETALIDADE: OFICINA DE TEATRO NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE CRIANÇAS DA UNIDADE DE ACOLHIMENTO MALVINA COSTA, JEQUIÉ/BA

RAÍZPRETALIDADE: THEATER WOEKSHOP IN BUILDING THE IDENTITY OF CHILDREN AT THE MALVINA COSTA RESIDENTIAL UNIT, JEQUIÉ/BA

RAÍZPRETALIDADE: TALLER DE TEATRO EM LA CONSTRUCCIÓN DE LA IDENTIDAD DE LA NIÑEZ EM LA UNIDAD RECEPTORA MALVINA COSTA, JEQUIÉ/BA

SANTOS, Umberd Costa¹

ABREU, Ana Carolina Fialho de²

Resumo

Neste artigo tenho como objetivo discutir sobre as minhas vivências enquanto mulher negra e professora de teatro em espaços não escolares, a partir da criação e mediação de uma metodologia que venho desenvolvendo, intitulada: Raizpretalidade. Trata-se de responder à seguinte pergunta: de que maneira o ensino de teatro e das histórias e culturas africanas e afro-brasileiras em uma unidade de acolhimento, a partir da Raizpretalidade pode contribuir para o fortalecimento da identidade étnica e autoestima de crianças negras? A metodologia criada foi mediada através de uma oficina de teatro na Unidade de Acolhimento Malvina Costa localizada em Jequié/Ba, durante o Estágio Supervisionado IV: Prática Artístico-Pedagógica em Projetos de Extensão. Penso o teatro como caminho para a construção da identidade da criança negra, seu pertencimento na diáspora africana e como fortalecimento da noção de coletividade, de proximidade e de cuidado consigo e com o outro. Tal estudo reflete, portanto, a raizpretalidade como metodologia que explora a contação de história e a ludicidade, colocando pessoas e personagens negros em lugar de

1 Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB. Jequié, BA, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-9772-060X>. e-mail: 201912442@uesb.edu.br

2 Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB. Jequié, BA, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5881-4061>. e-mail: ana.abreu@uesb.edu.br

DOI: 10.12957/e-mosaicos.2025.90158

protagonismo e representatividade. Um dos resultados desse estudo foi perceber nas crianças, ao longo da oficina, o fortalecimento da autoestima, da autoconfiança e a descoberta da importância dos seus cabelos como uma manifestação cultural identitária negra. As autoras principais que caminham comigo ao longo do texto são especialmente: Nilma Lino Gomes (2020), Joana Gabriela Mendes e Mari Santos (2022), Ariane Celestino Meireles e Edileuza Penha de Souza (2018).

Palavras chave: Fortalecimento da Identidade Negra; Teatro; Crianças; *Raizpretalidade*.

Abstract

The aim of this article is to discuss my experiences as a black woman and theater teacher in non-school spaces, based on the creation and mediation of a methodology that I have been developing, entitled: *Raizpretalidade*. It's about answering the following question: how can teaching theater and African and Afro-Brazilian histories and cultures in a childcare facility, based on *Raizpretalidade*, contribute to strengthening the ethnic identity and self-esteem of black children? The methodology created was mediated through a theater workshop at the Malvina Costa Reception Unit located in Jequié/Ba, during Supervised Internship IV: Artistic-Pedagogical Practice in Extension Projects. I think of theater as a way of building the identity of black children, their belonging in the African diaspora and strengthening the notion of collectivity, closeness and care for oneself and others. This study therefore reflects *raizpretalidade* as a methodology that explores storytelling and playfulness, placing black people and characters in a leading and representative role. One of the results of this study was the children's increased self-esteem, self-confidence and discovery of the importance of their hair as a manifestation of black cultural identity. The main authors who accompany me throughout this text are, in particular: Nilma Lino Gomes (2020), Joana Gabriela Mendes, Mari Santos (2022), Ariane Celestino Meireles and Edileuza Penha de Souza (2018).

Keywords: Strengthening black identity; Theater; Children; *Raizpretalidade*.

Resumen

El objetivo de este artículo es discutir mis experiencias como mujer negra y profesora de teatro en espacios no escolares, a partir de la creación y mediación de una metodología que vengo desarrollando, titulada: *Raizpretalidade*. Se trata de responder a la siguiente pregunta: ¿cómo puede la enseñanza del teatro y de las historias y culturas africanas y afrobrasileñas en una unidad de atención a la infancia, basada en la *Raizpretalidade*, contribuir a reforzar la identidad étnica y la autoestima de los niños negros? La metodología creada fue mediada a través de un taller de teatro en la Unidad de Acogida Malvina Costa, ubicada en Jequié/Ba, durante la Pasantía Supervisada IV:

Prática Artístico-Pedagógica em Projectos de Extensão. Pienso en el teatro como una forma de construir la identidad de los niños negros, su pertenencia a la diáspora africana y el fortalecimiento de la noción de colectividad, la cercanía y el cuidado de sí mismo y de los demás. Por lo tanto, este estudio refleja la *raizpretalidade* como una metodología que explora la narración y el juego, colocando a las personas y personajes negros en un papel protagonista y representativo. Uno de los resultados de este estudio fue la constatación por parte de los niños, a lo largo del taller, de que su autoestima y confianza en sí mismos se habían fortalecido y que habían descubierto la importancia de su cabello como manifestación de su identidad cultural negra. Los principales autores que me acompañan a lo largo de este texto son, en particular: Nilma Lino Gomes (2020), Joana Gabriela Mendes, Mari Santos (2022), Ariane Celestino Meireles y Edileuza Penha de Souza (2018).

Palabras-clave: Fortalecimiento de la Identidade Negra; Teatro; Niños; *Raizpretalidade*

Sem perder a raiz: sujeita-trajeto-crianças

Como fazer cafuné num crespo? Primeiro pergunte a quem ostenta um precioso crespo se você pode tocar sua cabeça. O seu reino. Depois de pedida a permissão, vem com a gente nessa lição? Um cafuné é uma prova de carinho, mas ele é bem diferente num crespo. Opa! Cuidado! É cheio de cachinhos! Sem movimentos bruscos, sem surpresas. Quem recebe vai pensar: mas que beleza! E se, de repente, encontrar um nozinho, sem embaraço, passe para outro lado bem devagarinho e já pode recomençar o afago! (Mendes, 2022, p. 12).

A pesquisa apresentada neste artigo é um convite para o afago, para o cafuné num cabelo crespo através das aulas de teatro, para se pensar o corpo como manifestação do afeto, da espontaneidade e da ancestralidade, para refletir sobre o corpo e o cabelo como símbolos da identidade negra e para revelar aos poucos, os legados africanos a partir dos significados, das histórias dos cabelos e penteados para crianças negras.

Para tanto, neste trabalho, verso sobre o estágio supervisionado e a sua relação com o processo de ensino e aprendizagem das/os acadêmicas/os do curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), campus Jequié. O meu objetivo é discutir sobre as minhas vivências enquanto mulher negra e professora de teatro em espaços não escolares, a partir da criação e mediação de uma metodologia que venho desenvolvendo, intitulada: *Raizpretalidade*. Trata-se de responder à seguinte pergunta: de que maneira o ensino de teatro e das histórias e culturas africanas e afro-brasileiras em uma unidade de acolhimento, a partir da *Raizpretalidade* pode contribuir para o fortalecimento da identidade étnica e autoestima de crianças negras?

Nesse texto, compartilho o resultado da pesquisa que desenvolvi na graduação, ele tem coautoria da orientadora do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), a professora Ana Carolina Fialho de Abreu. Sobre a metodologia da pesquisa, ela tem como finalidade pensar a docência enquanto colaboração, para ampliar as possibilidades de descobertas e construção da identidade das crianças negras através dos seus cabelos, utilizando o teatro como ponto de partida, utilizando de contação de história, da ludicidade, colocando personagens negras em lugar de protagonismo e representatividade através do livro *Princesas Negras* de Ariane Celestino Meireles e Edileuza Penha de Souza³ (2018).

Importante explicar que quando falo de raiz, falo da raiz ancestral, da ancestralidade e da raiz do cabelo. O cabelo da mulher negra e do homem negro, vistos como “ruim” é “expressão do racismo e da desigualdade racial que recai sobre essas pessoas (Gomes, 2020) e sobre mim, mulher negra. Por isso, no decorrer deste artigo, compartilho também minha experiência pessoal de autodescoberta de minhas raízes na diáspora africana.

Ver meus cabelos como “ruim” e os cabelos do branco como “bom” expressa um conflito, uma zona de tensão e o tratamento dado ao cabelo pode ser considerado uma das maneiras de expressar essa tensão (Gomes, 2020). Para mim, a intervenção no cabelo e no corpo é mais que uma questão de vaidade ou de tratamento estético, é uma questão identitária e ancestral.

As raízes identitárias se constroem ao longo do tempo e os laços de ancestralidade constituem parte da pessoa no grupo ao qual pertence, indicam e realçam seus marcadores étnicos, identitários e culturais, por meio dos saberes e legados encontrados nas memórias familiares (Fernandes, Alexandre; Souza, Marcos Lopes; Filho, Natalino; 2023). Não se omite aqui neste trabalho a problemática de outras pessoas e grupos étnicos excluídos socialmente e apartados de seus núcleos familiares, como é o caso das crianças com quem desenvolvi as vivências que serão relatadas no decorrer da escrita.

Trata-se do Estágio Supervisionado IV: Prática Artístico-Pedagógica em Projetos de Extensão ofertado no quarto ano do referido curso. Utilizo da abordagem qualitativa pautada em uma revisão bibliográfica e autoetnográfica associada aos dados obtidos no primeiro semestre letivo de 2024, mais precisamente na pesquisa de campo que aconteceu na Unidade de Acolhimento Malvina Costa em Jequié/BA.

3 Ariane Celestino Meireles é professora, mestra em Política Social e doutora em Ciências da Educação. Atua nos movimentos sociais de negras, negros e LGBT. Edileuza Penha de Souza é doutora em Educação e Comunicação. Autora e organizadora da coleção “Negritude e Cinema e Educação – Caminhos para implementação da Lei 10.639/2003”.

O referido estágio é investigativo, prático-teórico que almeja a mediação de um projeto pedagógico no âmbito da extensão universitária. O/a estudante deve definir, nesta etapa acadêmica, sob orientação do professor da disciplina, neste caso do professor Renato Tavares, o tema da intervenção pedagógica, bem como outras demandas da construção do projeto de extensão. A flexibilidade de ação desta última disciplina de estágio deve dar à/ao estudante condições de fortalecer sua identidade docente.

Encontrava-me com dúvidas sobre onde realizar o meu estágio, se eu optaria por desenvolver as práticas artístico-pedagógicas no Assentamento Carlos Marighella, localizado no município de Ipiaú/BA ou na referida Unidade de Acolhimento Malvina Costa. Bom, o primeiro local a ser visitado por mim foi a Unidade de Acolhimento Malvina Costa, também conhecida como “orfanato”. Na sequência um trecho do meu diário de bordo que revela um pouco esse momento:

O sol ardente em uma sexta-feira pela manhã, pela primeira vez estou nesse portão, pela primeira vez aqui entro, pela primeira vez aqui piso e pela primeira vez aqui sinto sensações que não sei explicar, muitas coisas me trouxeram a primeira vez, estar nesse espaço de acolhimento me trouxe uma explosão de sentimentos, cada espaço tem uma HISTÓRIA, HISTÓRIAS de pessoas, de crianças, de adolescentes, que cruzam a minha HISTÓRIA (SANTOS, diário de bordo, 2024).

Conhecer aquele ambiente acolhedor me fez lembrar do propósito do meu estágio, e ele estava ali, na minha frente, naquelas crianças, e era impossível não sentir a responsabilidade e a ancestralidade pulsando, eu estava sentindo o desafio me cercando, mas saí daquele lugar com a resposta de que “era ali”. Não cheguei a conhecer o Assentamento Carlos Marighella, mas tive o desejo de atuar em ambos os espaços, porém, isso não foi permitido, no entanto, estava tranquila, pois sabia que boa parte da turma iria desenvolver suas atividades e projetos naquele território do assentamento, o que queria dizer que o Teatro, as Artes e a ancestralidade chegariam até lá.

O meu estágio teve início no dia 29 de maio de 2024 e foi finalizado no dia 28 de junho de 2024. A oficina de teatro Raizpretalidade aconteceu nas terças-feiras e nas quintas-feiras, das 9h às 12h. Participaram da oficina ao redor de dez crianças e adolescentes. Tivemos o total de 8 encontros e uma carga horária de 24 horas.

As autoras e autores que colaboram com essa discussão aparecem ao longo do texto, trata-se especialmente das contribuições de Nilma Lino Gomes (2020) sobre a relação entre o cabelo e o corpo como veículo de expressão e símbolo de resistência cultural; de Ariane Celestino Meireles e Edileuza Penha de Souza (2018) com a literatura infantil Princesas Negras que colocam personagens negras como protagonistas de suas próprias histórias e de Joana Gabriela Mendes e Mari Santos

(2022) enriquecendo essa pesquisa com penteados para cabelos crespos além de suas histórias e origens.

Começo por contar histórias: começo por mim

Eu, Umberd Costa Santos, sou uma mulher negra nordestina, nascida na cidade de Gandu, no interior do baixo sul da Bahia. Tenho 28 anos, e estou prestes a concluir a graduação em Licenciatura em Teatro pela UESB, em Jequié. Minha história é totalmente recheada de raízes, raízes resistentes, raízes sensíveis, raízes persistentes, raízes que foram obrigadas a serem fortes, raízes que não foram regadas, raízes belas, raízes frutíferas, raízes grandes, raízes de rainhas e de reis, raízes que me inspiraram e me inspiram a inspirar, raízes que tocam da terra ao meu fio de cabelo, são essas raízes que formam as minhas coroas, são as minhas raízes que me formam.

Eu, Umberd Costa Santos, sou uma menina de 7 anos e moro em uma pequena cidade chamada Gandu no interior do baixo sul da Bahia. Sou filha de dona Yeda e filha de pai Pedro Augusto. Meu pai saiu de casa, mas uma frase dele ficou: “Eu não tenho mais filhos”. Bom, eu sempre fui muito apegada a ele, embora minha mãe fizesse o possível para substituí-lo, sua ausência foi sentida em muitos aspectos. Minha mãe dobrou sua carga horária de trabalho, era mais difícil vê-la em casa. Meu tio, o irmão caçula de minha mãe tomava conta de mim.

Nessa época, acabei ficando doente, ninguém sabia o nome do que se tratava, nem os médicos, era algo novo, exames e mais exames. Mainha⁴ teve que deixar o trabalho, agora vivíamos do Bolsa Família o que era pouco, mas uma ótima ajuda. Acabei piorando e já não tomava mais banhos com sabonetes ou qualquer outro tipo de produto químico vendidos em mercados ou farmácias, banhava-me com banhos de folhas, várias folhas, tudo que algum mais velho falava Mainha fazia.

Meu corpo estava em feridas e espalhou muito para todas as partes, cortei o cabelo todo, todo, isso aí DOEU⁵! E como doeu, ainda dói. Um ano sem deixar crescer o cabelo, deixei a escola, o racismo estava me afetando demais, as pessoas tinham medo daquilo passar para elas. Bom, foi um ano sem muitos abraços e sem muitos amigos, um ano sem o que eu amava em mim: MEU CABELO.

Eu também sou Umberd Costa Santos, sou uma mulher de 17 anos e moro em Gandu/Bahia, sabe, eu sempre fui encantada com cabelos crespos, minha mãe tinha como costume alisar a raiz do meu cabelo, mas ele era muito volumoso e não fazia diferença, ele continuava como

4 Neste artigo a palavra Mainha está escrita com letra maiúscula para enfatizar a importância da minha mãe na minha história.

5 As palavras em caixa alta serão utilizadas ao longo do texto para enfatizar meus sentimentos.

era, minha vó dizia que ele era rebelde, muitas pessoas não gostavam dele, falavam que era feio, que eu era feia. Uma vez em frente ao espelho fiquei 3 minutos tentando achar algum defeito em mim, mas eu não via, eu sempre me achava bonita até começar a ouvir o que os outros falavam: nariz “grande demais”, boca “grande demais” e cabelo “duro”.

Quando cheguei no Ensino Fundamental II, por exemplo, as coisas ficaram mais sérias, os colegas eram bem ofensivos, racistas, e eu não queria ser alvo deles e nem minha mãe queria que eu fosse, então os alisamentos passaram a ser no cabelo todo, da raiz as pontas. Mas isso não mudou o conceito dos colegas sobre o meu corpo e sobre a cor da minha pele. Para a professora e pesquisadora, Doutora em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (USP), Nilma Lino Gomes (2020), em seu livro *Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*, se antes a aparência da criança negra com sua cabeleira crespa, solta e despenteada era algo comum entre a vizinhança e os colegas negros, com a entrada na escola essa situação muda:

A escola impõe padrões de currículo, de conhecimento, de comportamentos e, também de estética. Para estar dentro da escola, é preciso se apresentar fisicamente dentro de um padrão, uniformizar-se. A exigência de cuidar da aparência é reiterada, e os argumentos para tal nem sempre apresentam um conteúdo racial explícito. Muitas vezes esse conteúdo é mascarado pelo apelo às normas e aos preceitos higienistas (Gomes, 2020, p. 203).

O que percebi na minha infância e nas escolas durante os estágios supervisionados é que o cuidado de minha mãe e das outras mães “não consegue evitar que, mesmo se apresentando bem penteada e arrumada, a criança negra deixe de ser alvo das piadas e dos apelidos pejorativos no ambiente escolar” (Gomes, 2020, p. 204). Essas ofensas racistas marcam as nossas vidas.

No final do Ensino Fundamental chegaram as férias. Viajei pela primeira vez para Salvador/Bahia, estava totalmente encantada com tudo, queria ser igual a todas as mulheres de cabelos grandes crespos, grandes com tranças, curtos crespos, era uma variedade de cabelos, eu me perdia no que eu queria fazer no meu cabelo primeiro. Eu estava feliz, eu vi mulheres como eu, com cabelos incríveis e elas eram lindas. Totalmente encantada, fascinada com aquelas pessoas, voltei para minha cidade com um material de tranças que eu consegui comprar, em Gandu não tinha quem fizesse isso, mas acabei fazendo em mim mesma.

A primeira vez não foi das melhores, mas eu estava me sentindo no ápice da minha beleza, comecei o Ensino Médio, agora eu estudava no Centro Territorial de Educação Profissional do Baixo Sul da Bahia (CETEP). Minha autoestima até balançava, mas não caía, eu sabia que eu era bonita, embora muitos comentários me abalassem bastante. Durante o Ensino Médio me tornei trancista e comecei a usar diferentes cabelos, nesse momento de transição fui me encontrando em

cada cabelo que eu usava, mas não existia a ideia de alisá-lo, e não porque a química não alisava os meus cabelos, mas porque ela não fazia mais parte de mim.

As tranças, os cabelos, me levaram para um lugar de conhecimento e despertaram minha curiosidade em saber mais, descobrir que eu era/sou negra, e descobrir que o racismo estava sempre por perto, mas eu não sabia até sentir mais e mais, a partir de cada cabelo que eu usava, era sempre um comentário: “isso lava?”, “isso dói?”, “você é mais bonita com seu cabelo”, “se tu alisar, vai ficar mais bonitinha”. Sobre esse ponto penso como Djamila Ribeiro (2018):

Querer se valer do discurso da liberdade de expressão para destilar racismo, machismo, transfobia ou se esconder por trás do argumento “é minha opinião” é criminoso. Racismo é racismo, machismo é machismo, mesmo que venha na forma de opinião. Devem ser combatidos (Ribeiro, 2018, p. 35).

No quarto ano fiz um trabalho avaliativo da disciplina de História, uma cena onde eu fui diretora dos meus próprios colegas e atriz, ali descobri o teatro, e descobri também que ele é apaixonante. Outra proposta foi feita pela professora de relações sociais, era a criação de uma nova cena para crianças, para ser apresentada no Centro de Atenção Psicossocial de Gandu (CAPS), confesso que senti a energia mais linda que já tinha sentido antes, é envolvente, é verdadeiro, foi uma experiência que transformou minha vida.

Era tudo novo para mim, mas levar o Teatro até um lugar com pouco acesso, tornou tudo mais especial, eu não queria que aquilo acabasse, não queria que aquela energia saísse. É sentimento de troca genuína, de dar e receber, eu não sei explicar, mas fez eu perceber o quanto o Teatro é magnífico e transforma vidas e histórias. Ver aquelas crianças interagindo, se envolvendo na plateia trouxe vários sentidos e muitas emoções. Passar isso através de uma Arte que eu não conhecia, me fez perceber o que eu queria fazer.

Começo, meio e começo⁶: na espiral do tempo chego na universidade

Eu sou Umberd Costa, tenho 22 anos, sou graduanda no curso de Licenciatura em teatro pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), na cidade de Jequié. Entrei na universidade no segundo semestre de 2019, sabendo quem eu era ou, pelo menos, achava quem eu era. Dentro da universidade compreendi e venho compreendendo de forma profunda minha

6 Pedimos licença para fazer uso desta expressão, dita em diversos contextos por Antônio Bispo dos Santos (2023), referindo-se ao ciclo de vida geracional e de conhecimento dos povos por ele chamados “de trajetória”. Desde a “geração avó”, passando pela “geração mãe”, e começando novamente pela “geração neta”, produzindo a circularidade.

história e percebendo o quanto ela estava conectada a muitas outras histórias que vieram antes de mim.

Cheguei empolgada e curiosa, na primeira semana de aula eu estava com tranças nagô⁷, na semana seguinte *box braids*⁸ e na outra, mutucas⁹. Meus cabelos passaram a ser uma afirmação de quem eu era/sou, uma expressão tanto da minha ancestralidade quanto da minha liberdade e através dele entendi o que é ser uma mulher negra na sociedade. Usei e uso as transições capilares para afirmar a minha identidade, isso me fez perceber como o racismo se manifesta também na universidade e nem sempre é de forma direta, as vezes é sutil, presente em olhares, expressões, gestos e comentários.

Para Gomes (2020) a construção da identidade negra no Brasil, para que ela seja discutida é importante considerar como nós a construímos, não somente no nível coletivo, mas também no individual. Dessa forma, existe um campo mais íntimo que se refere à esfera da subjetividade, que nem mesmo a intervenção familiar e um debate crítico produzido no espaço da militância, da escola ou da universidade não conseguem alcançar. O que isso significa? Para a autora: “isso não significa ignorar o peso da história, da sociedade, e da cultura, mas destacar que a subjetividade também tem sua importância no processo de tornar-se negro. A relação do negro com o cabelo nos aproxima dessa esfera mais íntima” (Gomes, 2020, p. 206).

Estou de acordo com a autora, ela também afirma que dependendo da forma com que a pessoa lida com essa experiência, sua relação com a autoestima, com o cabelo e com o racismo, ela pode se tornar uma adulta ou um adulto que acumula traumas raciais ou que lida com desenvoltura diante dos seus dilemas étnicos e raciais. Sendo assim, cortar o cabelo, alisar o cabelo, trançar o cabelo, pode significar não só uma mudança de estado dentro de um grupo, mas também a maneira como as pessoas se veem e são vistas, afinal, “o cabelo é um veículo capaz de transmitir diferentes mensagens, por isso possibilita as mais diferentes leituras e interpretações” (Gomes, 2020, p. 209).

Em 2023 comecei a fazer curso de extensão no Órgão de Educação e Relações Étnicas (ODEERE) no curso de Educação e Cultura Afro, foi um ano de muita aprendizagem, foi difícil

7 É um estilo de expressão e resistência cultural e um modelo de trança africana que geralmente são feitas em formato de linhas retas e geométricas no couro do cabelo e que por muitos tempos foram utilizadas como mapa e armazenamento de sementes.

8 É um estilo de expressão, resistência cultural e um modelo de trança de origem africana que utiliza materiais sintéticos junto aos fios do cabelo para serem trançados por mechas.

9 É um estilo de expressão e resistência cultural e um penteado de resistência africana utilizado no cabelo onde cada mecha são torcidas e enroladas individualmente.

permanecer, muitas demandas da universidade, mas entrar ali me permitiu aprender dentro e fora das aulas. Eu queria viver aquilo naquele momento, não sabia se teria outra oportunidade, foi um processo de crescimento pessoal e profissional, porque eu queria saber mais e aprender.

No mesmo ano comecei os estágios nas escolas e eu simplesmente amei à docência, mesmo com toda dificuldade que fui encontrando ao decorrer das vivências. Eu fui movida e totalmente cheia de ideias para construir os meus projetos e planos de aula, eu queria unir o teatro, a educação, os cabelos, as questões étnico-raciais e as crianças. Mas Umberd tudo isso junto? Sim, tudo isso junto, porque eu acredito que esse universo pode colaborar com bons frutos para uma educação transformadora e antirracista, afinal o teatro na educação infantil é uma linguagem poderosa. Segundo o autor Alan Pevirguladez (2024), no livro Manual Prático de Educação Antirracista, a luta antirracista não é uma novidade no Brasil:

ela acontece desde quando os primeiros africanos escravizados se insurgiram contra os seus senhores e promoveram as fugas e formações de quilombos (...) nos últimos anos, algumas conquistas significativas no campo da educação tem sido fundamentais para garantir uma nova formação ao educando brasileiro, elas buscam desconstruir uma ideia ultrapassada e eurocêntrica de ensino propondo um novo olhar sobre os indígenas e africanos desde a chegada dos portugueses por estas terras (Pevirguladez, 2024. p. 17).

Essa nova formação ao educando brasileiro, o autor chama de educação antirracista, entretanto, alerta Pevirguladez, não há apenas um modelo para abordar a educação antirracista dentro da escola, cada professora e cada professor a partir de sua abordagem e de sua ótica trará repertórios que possam contribuir com a causa dentro do seu conteúdo.

Começo, meio e começo: na espiral do tempo conheço Malvina Costa

A Unidade de Acolhimento Malvina Costa leva o nome de Malvina Costa, uma mulher com grande relevância na história local: “O que se sabe é que Malvina iniciou na década de 1970 o trabalho em acolher crianças e adolescentes em sua casa, as quais eram criadas juntamente com os seus filhos biológicos” (Miranda, 2020, p. 40).

Atualmente a Unidade Malvina Costa está localizada em um espaço amplo que há dois anos passou por uma reforma, com dormitórios e área de lazer, sala de TV, sala para aulas, refeitório e dentre outras salas que servem como apoio para o desenvolvimento de atividades interdisciplinares. Por questões éticas e para resguardar as crianças e adolescentes que vivem neste espaço de acolhimento, não compartilharei informações mais precisas sobre o espaço, seu endereço, sobre as histórias de vida e a identidade das crianças que participaram da oficina, mas

deixo registrado que são crianças carinhosas, afetuosas, respeitosas, divertidas, criativas e participativas.

Iniciei minhas atividades na unidade, com quatro meninas entre 4 e 7 anos de idade, todas elas negras, no turno da manhã, único turno que não chocava com meus horários na Universidade. Utilizei o livro *Princesas Negras* citado anteriormente, como referência de estudo e desenvolvimento das atividades realizadas na Unidade, a cada aula uma parte da história era contada, dramatizada, improvisada, utilizando de bricolagens e de estímulo composto¹⁰.

O livro é uma história para crianças, onde as protagonistas da história são princesas negras, trazendo uma representatividade negra, enfatizando o legado ancestral dessas princesas. As princesas utilizam vários penteados e cabelos como os cabelos Black Power, as tranças, os dreads, a lace, o turbante, aproveitei desse momento para acrescentar na oficina a história da diversidade capilar negra, e como ela estava presente em diferentes princesas negras.

Para as autoras Joana Gabriela Mendes e Mari Santos (2022) autoras do livro *Manual de Penteados para crianças negras*, na maior parte dos países e grupos étnicos da África, os cabelos e penteados têm muitos significados que estão presentes na história dos povos que dão origem a ele, por exemplo, de onde você veio, se é homem ou mulher, se já pode se casar, se é adulto, criança, adolescente, etc. Com as autoras também aprendi que as trançistas ocupam um papel importante na preservação das histórias dos cabelos, pois são elas as guardiãs dessas histórias e desses legados africanos.

Um ponto também de suma importância é a música que foi utilizada em todas as aulas que é a música *Black, black* da escritora Érica Maria e Dany Danielle (2018), que foi utilizada para receber a criançada e para o momento de alongamentos e aquecimentos corporais e vocais:

Black, Black, Black
É minha cor
É meu cabelo
É o meu jeito
Black, Black
É meu sorriso
Black, black
Me aceite como sou
Me veja como sou

10 Para aprofundar os estudos sobre bricolagem e estímulo composto, fazer a leitura do livro *Drama como método de ensino* de Beatriz Cabral (2006).

Respeite a minha cor
(Maria, Danielle, 2018).

Sobre a história do *black power*, segundo Mendes e Santos (2022), ele é tanto um corte de cabelo quanto um penteado em que o cabelo fica bem alto e natural, aliás, quanto mais alto melhor. Nos anos 1960, os Estados Unidos passaram pelo Movimento dos Direitos Civis, naquela época:

A população negra era impedida de usufruir dos direitos que os brancos tinham, e, com o movimento, chegou um renovado senso de identidade para a comunidade negra norte-americana. Dentro desse renovado senso de identidade houve também uma valorização da beleza e da estética negra, representada pela frase “Black is beautiful”, ou seja, “Negro é lindo”. O cabelo natural, então se tornou um poderoso símbolo político que refletiu o orgulho negro (Mendes, Santos, 2022, p. 28).

Além disso, no final dos anos 1960, o penteado virou um símbolo entre os Panteras Negras¹¹ e entre artistas e ativistas inclusive no Brasil. Como nos conta as autoras, no ano de 1974, por exemplo, surgiu em Salvador, na Bahia o Bloco Afro Ilê Aiyê e a partir dele vieram com ainda mais força uma proposta de estética negra no Brasil e uma identidade negra brasileira mais ligada à África.

No decorrer dos encontros algo muito interessante foi acontecendo, a quantidade de crianças foi aumentando de quatro para seis meninas, depois para dez, embora houvesse oscilações no decorrer do estágio, ora com mais crianças, menos crianças e mais crianças novamente. Como de costume, no início das vivências a música ia tocando e as crianças iram chegando e já iniciávamos a roda de alongamento bem animada, ao som da música.

Fazíamos alongamentos como, tocar o teto, esticar os braços, descer a cabeça e os troncos até tocar as mãozinhas no chão, depois levantando, lentamente, sentindo cada pedacinho da coluna vertebral, por último a cabeça, balançando o corpo, soltando beijinho, sorriso, fazendo caretas, enfim, chegava a hora de beber água. Essa dinâmica/alongamento ajudou a captar a atenção das crianças, esquentar os corpinhos e prepará-las para as próximas etapas.

Era chegada a hora da contação de história do livro das Princesas Negras, em “rodão”, ou seja, realizando uma grande roda, lembro-me no primeiro dia de abrir o livro na seguinte parte: “As princesas negras fazem com seus cabelos um mundo de possibilidades, penteados variados,

11 Panteras Negras foram um partido político, surgido no contexto do movimento dos direitos civis, na década de 1960, que defendia a autodeterminação do povo negro.

usam birotos, cortam cortinhos, enfeitam com miçangas, flores e tiaras... e ainda tem aquelas que colorem os cabelos com tintas e pigmentos variados.” (Meireles; Souza, 2018, p.13). No momento de leitura as crianças iam dramatizando, improvisando e criando cenas inspiradas nas partes do livro e suas personagens.

Enfatizei também que as rainhas negras tinham como coroa os seus próprios cabelos, por isso elas cuidavam tão bem, e que suas raízes revelavam sua identidade e que seus cabelos eram lindos, principalmente o da gente que era parecido com os das princesas, e sim, nós éramos/somos princesas também.

Nesse momento ouvi muitos comentários como “pró, seu cabelo é lindo, é parecido com o meu”, “se meu cabelo é crespo, então eu sou negra, tia!”, essas falas foram maravilhosas. Acredito que nenhuma delas se entendiam como meninas negras, ou talvez não viam positividade em serem negras, elas viam a cor da pele e seus traços capilares como algo negativo. Continuei mostrando as imagens das princesas negras do livro, alguns comentários surgiram novamente: “parece mainha”, “é lindas”, “eu pareço com elas”.

Outro momento importante dessa vivência, foi quando levei alguns objetos surpresa, como: tecidos para turbantes, colares que remetem a cultura afro-brasileira e africana, então, chegou a hora de vestir esses legados, com cuidado e carinho comecei a fazer esses turbantes nas crianças, depois cada uma foi escolhendo um colar. Então criamos cenas teatrais onde as crianças representavam as princesas negras da cidade de Jequié. Cada criança criou seu nome de princesa, desta forma, além de valorizar sua própria história, foram criadas novas histórias, novas personagens.

A reação das crianças marcou muito para mim essa vivência, durante as improvisações elogios espontâneos foram surgindo, foi tão lindo ver elas se admirando no espelho, enaltecendo umas às outras e assim, novos comentários apareceram: “como a tia está linda, uma princesa.”, “Amiga, está linda”, “Eu não vou tirar”, “Quero igual à da tia”. Realmente não tirei os objetos das meninas, deixei de presente.

A forma como o teatro se entrelaçou com a educação para as relações étnicas, com a representatividade, a autoestima, foi pra mim de uma potência inestimável, como os cabelos revelaram a nossa identidade e o fato dessas crianças se identificarem de forma identitária e cultural positivamente através de seus cabelos.

Acredito o quão importante isso foi e vai ser na vida delas, o quanto importante isso reverberou e reverbera na minha vida, e no impacto que isso traz no reconhecimento da nossa identidade através da diáspora africana. Quanto mais cedo essas crianças perceberem quem são,

mais elas vão querer saber mais, mais certeza terão de quem são, e do que querem ser, sabendo que podem chegar aonde quiser.

Acredito que o entendimento da identidade e da ancestralidade são fatores indispensáveis na construção de uma pessoa negra, com ênfase nas crianças negras. O conhecimento de suas raízes é importante, pelos aspectos positivos, não somente pelos fatores negativos, sua inventividade, criatividade, sua beleza estética e as histórias reveladas por elas. Mesmo que tenham tentado apagar as nossas histórias, mesmo tentando nos silenciar o tempo todo, seguimos resistindo como relata mais uma parte da história contada durante a oficina:

As princesas negras são inteligentes, lutadoras, espertas e aprendem muito com suas mães e avós. Elas aprendem com as pessoas mais velhas, são tão belas quem aprendem desde pequeninhas a serem mulheres livres, resilientes que sabem o que querem e sabem se impor. As princesas negras que ensinam e aprendem muito com as outras princesas agem como mulheres independentes, solidárias que respeitam a sabedoria das ancestrais e têm muito orgulho das suas raízes africanas (Meireles, Souza, 2018, p. 17).

Compreendo que a herança colonial tem um impacto na formação da identidade negra, que o modelo de uma estética aceita pela sociedade, a estética padrão, não era/é a negra, que o modelo de beleza não era/é a negra, que o negro não era/é o belo, que nossos cabelos são considerados “feios”, “duros” e quanto mais distante o nosso povo estava e está desse ideal de beleza eurocêntrico, mais éramos e somos marginalizados. O triste é saber, é sentir e é viver o quanto isso se perdura nos dias de hoje.

E viver isso, sentir isso, me faz entender o quanto o teatro e a educação antirracista têm me fomentado, me alimentado a compreender, a transformar, e a não desistir de mim, nem do outro. Somos RAINHAS, somos REIS. A minha criança que várias pensou em desistir, me achando feia, querendo abandonar a escola, que já não aguentava mais ser vista como a bizarra, e sempre mencionada nas “brincadeiras” de que era a mais feia da escola, não existe mais, não permito mais isto. Não serei enganada, não serei manipulada e não permitirei o racismo em minhas aulas e nem em ambientes na qual eu faça presente.

Para mim o teatro permite compreender a realidade social e transformá-la, a educação antirracista me permite desaprender, aprender e ensinar, os cabelos me permitem entender quem sou, quem somos, quem é a nossa raizpretalidade. Entendo que as crianças são o futuro da nossa cultura e o presente da nossa ancestralidade, são a ligação entre o passado, o presente e o futuro.

Para a professora do curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal da Bahia (UFBA) Célida Salume (2016), o teatro possibilita a criança conhecer melhor suas experiências, estimulando-a a se expressar amparada por um conhecimento e pela mediação do professor-artista:

“o ensino de Teatro promove a conscientização, uma noção de coletividade, de proximidade, uma visão mais crítica da realidade, o que altera em consequência a maneira de pensar e de agir (Salume, 2016, p.12).

Ao refletir sobre a importância do teatro, da educação e da identidade para as crianças, considero que fiz uma mediação de grande importância para cada uma. Em outro dia de oficina tive uma surpresa, além da mudança na quantidade de crianças na oficina de teatro (felizmente eu estava equipada com materiais a mais, caso isso acontecesse), de 4 passamos para 7 crianças, e uma delas, pela primeira vez, uma criança masculina, entrou em ação, surgindo assim um novo “personagem”: um príncipe.

Nesse momento, acredito já se tratar do quarto dia de oficina, como todos os outros encontros, iniciei com a música black, black, com o “rodão” de alongamentos corporais e com muitas caretas para alongar os músculos faciais. Agora a gente já cantava a música durante o alongamento, todos aprenderam a música, o pessoal estava bem animado. Aproveitei a animação e inseri mais aquecimento corporal e vocal, simples e com efeito cômico e positivo: com as crianças sentadas e as pernas estivadas, o desafio era tocar o dedo do pé. Dando sequência, iniciei a contação de mais uma parte da história do livro:

Há outra coisa que só as princesas negras têm além da pele escura e dos cabelos crespos, cheios de “rulitos”: elas têm um monte de outras princesas que chegaram ao mundo antes delas, viveram muitas coisas e fizeram muita história para elas serem quem são. Estas que vieram antes são as ancestrais. Ah! ... são muitas histórias pra falar sobre as princesas negras. Só não dá pra compará-las com o que estamos acostumados a ver, ouvir e até ler sobre princesas. Não dá, porque as princesas negras são muito diferentes mesmo (Meireles, Souza, 2018, p. 14).

Nessa parte a história fala sobre as ancestrais e como é importante reforçar que antes dessas princesas negras que o livro revela, existiram e existem outras que vieram antes. Como na história só fala de princesas, acrescentei um príncipe para fazer a inclusão, o príncipe Sanni, um príncipe forte e corajoso que adorava aventuras e que estava na missão com suas amigas princesas a ajudar a fortalecer a identidade de algumas princesas adultas que ainda estavam em processo de construção. Bom, como eu disse antes, as meninas também tinham seus nomes de princesas, alguns sugeridos por mim e outros inventados por elas, teve a princesa Azie, a princesa Lua, a princesa Malê, a princesa Anglê, a princesa Lí e a princesa Velinda, bem criativas.

Nesse momento dei moldes de princesas adultas para elas pintarem e colorir seus cabelos, como o nosso espaço de sala era amplo para quantidade de crianças no momento, não tínhamos problema com falta de espaço, cada criança em sua mesa recebeu e compartilhou seus materiais. O

DOI: 10.12957/e-mosaicos.2025.90158

objetivo dessa aula foi ajudar no fortalecimento da identidade dessas crianças que estavam e estão se descobrindo e se redescobrando a cada dia. A atividade resultou nessa imagem:

Imagem 1: desenhos, pinturas e colagens das crianças



Fonte: Arquivos pessoais, 2024.

A imagem é aparentemente simples, mas com um grande significado individual e coletivo. No decorrer dessa atividade, percebi animação das crianças e como elas se retrataram nas figuras com cabelos coloridos e a diversidade em explorar as cores. Elas deram nomes de princesas para as figuras.

Além disso, durante a colagem, elas espontaneamente começaram a interagir e criar histórias. Se o objetivo da aula era ajudar no desenvolvimento da identidade das princesas negras adultas, nesse momento elas passaram a vivenciar a história, friccionando personagem e vida real e começaram a criar diálogos entre elas, entre as princesas, por exemplo: “Não fica tirando as coisas do meu cabelo”, quando uma pegava o material da outra e “estamos nos arrumando porque vamos sair”, o que pode trazer diversas interpretações para quem lê essa fala, seja o sair para o baile da

princesa, para festas ou sair daquele local em que elas vivem provisoriamente. Entretanto, naquele momento, sentindo o diálogo percebi que se tratava apenas de um sair feliz, alegre para festejarem.

A oficina teve continuidade, num próximo artigo poderei trazer mais exemplos das atividades e da metodologia que estou criando, de qualquer forma, ressalto a importância do fortalecimento dos vínculos entre as crianças, que foi se ampliando, além da presença criativa e potente delas nos jogos improvisacionais que fez com que elas reforçassem sua identidade, sua amizade, o cuidado umas com as outras e consigo mesmas.

Começo, meio e começo: considerações provisórias

As experiências relatadas neste trabalho surgiram de uma metodologia criada e que está em desenvolvimento por mim a partir do teatro e do ensino das histórias e culturas africanas e afro-brasileiras, onde faço uma encruza que liga as nossas raízes a nossa ancestralidade. Essa raiz que me fez estar aqui, a raiz do meu cabelo, a raiz que me conecta a minha identidade, a raiz que a criança Umberd não conhecia. Tendo o teatro como potencializador dessa abordagem.

No decorrer das vivências percebi o quanto é magnífico crescer, e ajudar a reconstruir a nossa história, o quanto é bom ensinar, mesmo com todas as dificuldades que um profissional da educação passa atualmente, me fortaleço em acreditar na educação e na sua transformação.

Acredito que esta pesquisa pode proporcionar momentos de alegria e de reflexão a essas, também penso que o resultado foi positivo, sobre a minha emoção por ter vivenciado tais momentos, não tenho palavras! Este processo artístico e pedagógico que fez parte da minha formação acadêmica pode ser importante para mim, sim, mas é necessário para nossas crianças negras. Como professora, educadora, mulher negra compreendo profundamente o impacto dessas atividades e de ações como essas. É um ato de força que traz como motivação saber que estamos conseguindo, estamos em lugares de protagonismo, estamos quebrando as barreiras coloniais, estamos nas escolas, estamos cuidando das nossas crianças. Elas estão se reconhecendo, se amando, se cuidando, em algum momento dessa escrita eu disse que “o medo nos move”, mas também aprendi que reconhecer nossa identidade étnica também nos move, e nos transforma!

Referências

- BISPO, Antônio dos Santos. A terra dá, a terra quer. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.
- CAJÉ, Marcos Cajé. Makori: A pequena princesa. Salvador: Ereginga Educação, 2021.
- CABRAL, Beatriz. Drama como método de ensino. São Paulo: Hucitec, 2006.
- SILVA, Avoni Souza, A África recontada para crianças. São Paulo: Editora Martin Claret, 2023.
- FERNANDES, Alexandre; SOUZA, Marcos Lopes; FILHO, Natalino. Metodologias contracoloniais em relações étnicas, raciais e de gênero. Curitiba: Appris, 2023.
- MEIRELES, SOUZA, Ariane Celestino, Edileuza Penha. Princesas Negras. Rio de Janeiro: Malê, 2018.
- MENDES, Gabriela; SANTOS, Mari. Manual de Penteados para Crianças Negras. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2022.
- MARTINS, Leda Maria. Performance do tempo espiralar: Poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobocó, 2021.
- MIRANDA, Elaine. Processos de construção de ser menina-mulher na Unidade de Acolhimento de Acolhimento de Crianças e Adolescentes Malvina Costa. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Jequié, Bahia, 2023.
- PERVIRGULADEZ, Allan. Manual prático de educação antirracista. São Paulo: Cortez, 2024.
- RIBEIRO, Djamil. Quem tem medo do feminismo negro? São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- SALUME, Célida. Materialidades em jogo: o fazer teatral na escola. Anais do X Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade". São Cristóvão/SE: 2016.

DOI: 10.12957/e-mosaicos.2025.90158

SILVA, Avoni Souza, A África recontada para crianças. São Paulo: Editora Martin Claret, 2023.

KILOMBA, Grada Kilomba. Memória da plantação: Episódio de racismo cotidiano. 2021.

GOMES, Nilma Lino. Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. Belo Horizonte: Grupo Autêntica, 2020.

Recebido em 24 de fevereiro de 2025

Aceito em 14 de maio de 2025



A e-Mosaicos Revista Multidisciplinar de Ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (Cap-UERJ) está disponibilizada sob uma Licença *Creative Commons - Atribuição - NãoComercial 4.0 Internacional*.

Os direitos autorais de todos os trabalhos publicados na revista pertencem ao(s) seu(s) autor(es) e coautor(es), com o direito de primeira publicação cedido à e-Mosaicos.



Revista Multidisciplinar de Ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura
Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAP-UERJ)
V. 14 - N. 33- Janeiro-Dezembro de 2025 - ISSN 2316-9303

DOI: 10.12957/e-mosaicos.2025.90158

Os artigos publicados são de acesso público, de uso gratuito, com atribuição de autoria obrigatória, para aplicações de finalidade educacional e não-comercial, de acordo com o modelo de licenciamento *Creative Commons* adotado pela revista.